



Letra e ressurreição: O corpo escrito de “Ana Livia Plurabella”, de James Joyce

Letter and resurrection:
The written body of “Ana Livia Plurabella”, by James Joyce

Jonas Miguel Pires Samudio*

Resumo

O ensaio objetiva realizar uma leitura do capítulo VIII de *Finnegans Wake* (2004; 2009), conhecido como “Ana Livia Plurabella”, do escritor irlandês James Joyce. Pretendemos articular as noções de “letra” e de “ressurreição” de modo não temático, mas em uma leitura que destaca a imanência do texto, a superfície textual. Para tal, recorreremos ao arcabouço teórico advindo da Teoria Literária (AMARANTE, 2009; BLANCHOT, 2011, 2005; BRANCO, 2011, 2000; LAERE, 1969; MANDIL, 2003; SCHÜLER, 2004), Teologia (AQUINO, 2002; BALTHASAR, 1971), Psicanálise (LACAN, 2007, 2009, 2008) e Filosofia (NANCY, 2001, 2006). Com isso, procuramos compreender de que modo a ilegibilidade do texto de James Joyce convida a uma leitura que privilegia a materialidade da “letra” tal como está escrita: em um movimento des-contínuo, no qual o texto é escrito como um corpo em continuidade – o texto é reconhecível como feito de letras – disruptiva – o sentido não se constrói a modo de decodificação de enredo e interpretação – que se desvanece; a esse movimento, chamamos de “ressurreição”.

Palavras-chave: Ressurreição; Letra; Literatura; James Joyce.

Abstract

The present essay aims at reading the eighth chapter of *Finnegans Wake* (2004; 2009), known as “Anna Livia Plurabelle”, by the Irish writer James Joyce. We intend to collate the notions of “letter” and “resurrection”, not in a thematic analysis, but in a reading that highlights the text’s immanence, the textual surface. In order to achieve our goal we make use of theoretical apparatus from literary theory (AMARANTE, 2009; BLANCHOT, 2011, 2005; BRANCO, 2011, 2000; LAERE, 1969; MANDIL, 2003; SCHÜLER, 2004), from theology (AQUINO, 2002; BALTHASAR, 1971), from psychoanalysis (LACAN, 2007, 2009, 2008) and from philosophy (NANCY, 2001, 2006). Thereby, we seek to understand how the readability of James Joyce’s text invite us to a reading that focuses on the materiality of the “letter”, such as it is written: in a discontinuous movement, by which the text is written as a body in continuity – the text is recognizable as made out of letters – disrupting – the meaning is not built for plot decoding and interpretation – which evanesces itself; we named this movement “resurrection”.

Key words: Resurrection; Letter; Literature; James Joyce.

Comunicação submetida em 28 de junho de 2017 e aprovada em 14 de dezembro de 2017

* Escritor, autor de *a mais aberta* (Cas’a edições, 2017). Formado em Filosofia, Teologia e Letras. Com Mestrado em Estudos Literários (UFU), atualmente, cursa o Doutorado em Teoria da Literatura e Literatura Comparada (FALE-UFMG), pesquisando a obra de Maria Gabriela Llansol e a questão religiosa. Bolsista CNPq. País de origem: Brasil. E-mail: alfjonass@yahoo.com.br

Introdução

“Por que Joyce é tão ilegível?”, questiona Jacques Lacan; e acrescenta: “É preciso fazer de tudo para imaginar por quê. Talvez seja porque não evoca em nós simpatia alguma” (LACAN, 2007, p.147). Concordamos com Lacan: se é ilegível esse texto em que toda palavra procura ser tragada (LAERE, 1969 p.135), não se trata de uma adesão narcísica, ou de uma interpretação decodificadora, o que se opera na leitura do texto de James Joyce; contudo, também não parece se tratar de uma antipatia o que nos aproxima desse texto – talvez, pudéssemos falar em termos de uma potente “pathia”. Talvez porque, nele os significantes vêm preencher os significados; e também porque “o que parece ilegível, eis que parece ser a única coisa digna de ser escrita” (BLANCHOT, 2011, p.343).

O que a partir disso se experimenta, certamente, não é da ordem de uma leitura-plena: “é a título de lapso que aquilo [FW] significa alguma coisa, quer dizer, que aquilo pode ser lido de uma infinidade de maneira diferentes. Mas é precisamente por isso que aquilo se lê mal, ou que se lê de través, ou que não se lê” (LACAN, 2008, p.42). Podemos lê-lo numa forma de “passo de letra”, como afirma Lucia Castello Branco acerca da leitura de textos que se faz sob a égide de uma *pas de sens*: “um não-sentido que confina justamente com o passo de sentido” (BRANCO, 2011, p.156), ou, ainda, “não apenas o ‘não sentido’, mas um suplemento de sentido, um ‘a mais de sentido’” (p.162).

Tratamos de não buscar o sentido pleno, mas, sim, letra após letra, um sentido aberto suplementar, “uma vez que, partindo-se de um[a], pode-se alcançar seu contraponto percorrendo-se, de modo contínuo, sua superfície” (MANDIL, 2003, p.230). Propomos, pois, uma articulação entre as noções de “ressurreição” e de “letra”, pretendendo ler, no capítulo VIII de FW, conhecido como “Ana Livia Plurabella” (doravante, ALP) de que modo a “letra” realiza um movimento descontinuo em que o corpo textual se dá a ver em uma continuidade disruptiva em desvanecimento, ou seja, “ressurreição”.

1 ALP: “O” corpo

Em *Para ler Finnegans Wake de James Joyce*, Dirce Waltrick do Amarante afirma ser a ressurreição “o tema central do romance” (AMARANTE, 2009, p.51), após ter explicitado que “to wake” “significa despertar, acordar, velar (morto) ou ressuscitar” (p.33). Também a visão do texto de James Joyce foi o ponto de eclosão – ou erosão, ou explosão – da perspectiva de leitura: por pelo menos 20 (vinte) vezes, num intervalo de 20 (vinte) páginas, aparece a letra “O”, em maiúsculo. Assim, diante do ilegível trata-se de ler o lapso – “falha, interrupção”, como nos ensina o dicionário (AULETE, [s/d])– e de o fazer de través, na superfície esboroadada de um sonho repleto de “umbigos” – a referência ao livro *A interpretação dos sonhos*, de Freud, em que o autor afirma que, em todo sonho, há um ponto inabordável, irreduzível à significação, foi realizada por Lucia Castello Branco, afirmando que alguns textos se situam no “ponto de letra”, entendido como o “ponto de furo, [para] onde toda significação escoia” e para onde “convergem também todas as significações possíveis (e impossíveis), todas as linhas mestras, como no ponto de fuga” (BRANCO, 2000, p.28). Devemos, então, nos dispor a tal leitura no “passo de letra”, no “ponto de letra”, em que se toca o suplementar, na superfície do texto que se espraia em sentidos, e na vertigem de seu excesso, que nunca estão ali, pois por ali se esvaem.

Em FW, o episódio de ALP narra duas lavadeiras que, cada uma de um lado do rio Liffey, se colocam a conversar sobre a história familiar de ALP; num ponto de seu diálogo, ela se precipita dos fluidos de suas roupas em atrito com as mãos e as palavras das lavadeiras, e se mistura ao próprio rio que acolhe tal diálogo que entretece o gesto de limpeza:

Ad verte-me razões de senredar nas malhas da rede re verte-me se a cobriam fios ondeados ou se vinham perigos dos pelos dalguma peruca. E pra que lado divertiu ela sua glória nas águas floridas, retro a oeste ou propensa pro mar? Medo do dedo tão cedo no dado de ouvir o amado ou lânguida alongando a língua? Me segues na esteira da saia ou espreitas

além? [O] vai a, vai lá, vai An! é Anna! Penso no que sabes. Sei bem o que pensas. Ou antas! Gostarias de carregar toucas e toalhas, esnobe, e pra mim fica o serviço sujo, te limpar a cara com os velhos panos de Verônica. Esperas que eu Loire os trapos e diga merci? Isso é ortura ou é suplício? Arre, onde está teu nariz? Onde a dignidade? Isso não é odor de V�s dre Santidade. Posso perceber daqui pela *eau de Colo* nia e a fragrância do Oder das roupas que o cheiro é de Mrs Margrath. Devias tê-las secado. Essa umidade vem dela. São vincos em tecido de seda, não são panos de algo dão. Batista-me o Batista, pai, porque ela pecou. Com seu anel encantado ela se livrou facilmente deles, no balouço das ancas e rendas roçando as rótulas. Ela é o único salmãozinho de babado em toda a planície. [...] Onde é que parei? Não pares nunca. Continarração! Ainda não chegaste lá. Estou esperando. Garonando, garonando (FW 204, 21-205, 3; 205, 13-15 DS).¹

Podemos ler o episódio lucano chamado “Os discípulos de Emaús” que, em sentido de forma, e não conteúdo, parece se aproximar de ALP:

Naquele mesmo dia, o primeiro da semana, dois dos discípulos iam para um povoado, chamado Emaús, a uns dez quilômetros de Jerusalém. Conversavam sobre todas as coisas que tinham acontecido. Enquanto conversavam e discutiam, o próprio Jesus se aproximou e começou a caminhar com eles. Os seus olhos, porém, estavam como vendados, incapazes de reconhecê-lo. Então Jesus perguntou: “O que andais conversando pelo caminho?”. Eles pararam, com o rosto triste, e um deles, chamado Cléofas, lhe disse: “És tu o único peregrino em Jerusalém que não sabe o que lá aconteceu nestes dias?”. Ele perguntou: “Que foi?”. Eles responderam: “O que aconteceu com Jesus, o Nazareno, que foi um profeta poderoso em obras e palavras diante de Deus e diante de todo o povo. Os sumos sacerdotes e as nossas autoridades o entregaram para ser condenado à morte e o crucificaram. Nós esperávamos que fosse ele quem libertaria Israel; mas, com tudo isso, já faz três dias que todas essas coisas aconteceram! É verdade que algumas mulheres do nosso grupo nos assustaram. Elas foram de madrugada ao túmulo e não encontraram o corpo dele. Então voltaram, dizendo que tinham visto anjos e que estes afirmaram que ele está vivo. Alguns dos nossos foram ao túmulo e encontraram as coisas como as mulheres tinham dito. A ele, porém, ninguém viu». Então ele lhes disse: “Como sois sem inteligência e lentos para crer em tudo o que os profetas falaram! Não era necessário que o Cristo sofresse tudo isso para entrar na sua glória?”. E, começando por Moisés e passando por todos os Profetas, explicou-lhes, em todas as Escrituras, as passagens que se referiam a ele. Quando chegaram perto do povoado para onde iam, ele fez de conta que ia adiante. Eles, porém, insistiram: “Fica conosco, pois já é tarde e a noite vem chegando!”. Ele entrou para ficar com eles. Depois que se sentou à mesa com eles, tomou o pão, pronunciou a bênção, partiu-o e deu a eles. Neste momento, seus olhos se abriram, e eles o reconheceram. Ele, porém, desapareceu da vista deles. Então um disse ao

¹ Citamos *Finnegans Wake* (FW) conforme o costume entre os pesquisadores joycianos, por número de página e de linha, sucessivamente, respeitando a forma do texto. Fizemos uma utilização sinóptica das traduções de FW de Donald Schüller, que registramos DS, e de Dirce Waltrick do Amarante, registrada com DA.

outro: “Não estava ardendo o nosso coração quando ele nos falava pelo caminho e nos explicava as Escrituras?”. Naquela mesma hora, levantaram-se e voltaram para Jerusalém, onde encontraram reunidos os Onze e os outros discípulos. E estes confirmaram: “Realmente, o Senhor ressuscitou e apareceu a Simão!”. Então os dois contaram o que tinha acontecido no caminho, e como o tinham reconhecido ao partir o pão (BIBLIA SAGRADA TRADUÇÃO DA CNBB. Lc 24, 13-35.).

São diferentes, em estilo e enredo, os textos apresentados. Tal diferença, se não exclui proximidade de sentido, também não promove complementariedade. De nossa parte, aqui, interessa-nos que, de um lado, nos dois textos, ALP e “Os discípulos de Emaús”, narra-se um personagem que não está ali, que se apresenta de um outro modo, talvez irreconhecível, para, tão-logo, desvanecer-se e ocultar-se. Tal como se dá nos relatos da ressurreição:

Pois bem: dado que esse feito único [a ressurreição] supõe a mudança dos eons e a fundação do mundo novo através da morte do antigo, não se pode precisar, de antemão, a proximidade ou a distância, a semelhança ou a dessemelhança com que Jesus ressuscitado apareceu a seus discípulos. [...] Para chegar ao reconhecimento não basta o falar (em Lucas e João se dá conversação sem reconhecimento): é necessário, ademais, o desejo de ser reconhecido [...] A conversação pode conservar a forma de velamento total (Maria e o “jardineiro”), ser um passo ao desvelamento (“Não ardia nosso coração?”) ou dar passo ao reconhecimento (“Maria!”) (BALTHASAR, 1971, p.319, tradução nossa).²

Evidencia-se a insuficiência das palavras e a sua insistência de querer saber tudo sobre um outro que se apresenta e desvanece, como o Ressuscitado, ou em seu fluir, como ALP. Consideramos que, nos dois gestos, está implicado um corpo não possível de ser retido. Em ALP, há a insistência em saber tudo: “O, me conta tudo, eu quero saber, quantas vezes ela veio à tona” (FW 198, 14 DA). E a recorrência à

² No presente ensaio, utilizamo-nos da tradução espanhola do texto de Balthasar: BALTHASAR, Hans Urs von. El Misterio Pascual. Trad. Guillermo Aparicio. In: FEINER, J.; LÖHRER, M. *Mysterium Salutis*: Manual de Teologia como Historia de la Salvacion. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1971. v. III/2. Informamos que essa obra se encontra traduzida para o português: BALTHASAR, Hans Urs von. *Mysterium Paschale*. In: FEINER, J.; LÖHRER, M. *Mysterium Salutis*: Compêndio de Dogmática Histórico-Salvífica. Petrópolis: Vozes, 1974. v.III/2.

carta-letra³ de ALP (FW 201, 4-20) visa encontrar “uma carta [letra] para durar a vida inteira a Maggi junto ao buraco de cinza além” (FW 211, 22 DS).

Uma letra-carta que contenha uma vida – ainda que, como destacamos, o que se retém dessa vida é seu desvanecer, seu fluir. Nas narrativas mantém-se, pois, uma tensão entre o velamento e o desvelamento (BALTHASAR, 1971, p.321) – seja o sentido que flui e desvanece em seu proliferar, seja a narrativa que tenta capturar o incapturável de uma experiência inaudita. Tensão que, insuperável, nos permite pensar que um sentido, ou os sentidos – uma possível forma de falarmos em desvelamento –, tem lugar “dentro do ocultamento” (BALTHASAR, 1971, p.292, tradução nossa) que, como desapareição, está a serviço de uma presença, ou potência de presença, mais profunda (1971, p.289) que a concretude de um corpo reconhecido. Uma presença que, por sua vez, é como uma disposição à contínua vinda daquela que não chega – quase, então, se imiscuindo, tal profundidade, com um esvaziamento; presença profunda que, em ALP, não desconsidera aquilo que, como superfície, se oferece: um “pleno vazio” (LAERE, 1969, p.143): o “O” de que nos ocupamos. O túmulo vazio como a visão de um vazio esvaziado de presença (NANCY, 2006, p.28) que, por seu turno, é sinal de que “o sepulcro vazio ilimita a morte na partida do morto. Este não está ‘morto’ de uma vez por todas: morre indefinidamente, é aquele que não cessa de partir” (p.29, tradução nossa).

Nessa fluidez, “aqui, mas não aqui” (NANCY, 2006, p.21, tradução nossa), lemos:

Gota-me piano e lontano. Não te pressapites agora. Vai fundo. Essas são as águas navegáveis. Apressa-te lentamente e irás rapidamente. Empresta-nos tuas santas cinzas até que eu lave as ceroulas do cânone. Flui agora. Uma vez mais (FW 206, 24-28 DA).

O gotejar de ALP é lento; leitura é de uma vertiginosa lentidão. Não cessa de fluir, como se esse fosse o gesto imprescindível para lavar a sujeira íntima do cânone,

³ Em inglês, *letter* guarda o sentido de letra e carta, daí nossa escolha em manter tais sentidos expostos graficamente.

talvez, para que, nessa lenta e espantosa fluidez, seja possível propor outra relação com a literatura. Se à escrita joyciana não interessa o cânone como intocável, puro e para sempre ileso, talvez nos seja possível compreender a afirmação de Lacan acerca do texto de Joyce, e de *Finnegans Wake* em particular: “a literatura não pode mais ser, depois dele, o que ela era antes” (LACAN, 2007, p.163). Afirmação que se encontra com a resposta de Blanchot à pergunta “Para onde vai a literatura?” Sim, pergunta espantosa, mas o mais espantoso é que, se há uma resposta, esta é fácil: a literatura vai em direção a ela mesma, em direção à sua essência, que é o desaparecimento” (BLANCHOT, 2005, p.285). Se vai em direção ao seu próprio desaparecimento, então também a literatura, e Joyce, como outros autores, pode ser lido como uma instância em que se assiste ao desaparecimento da literatura, à sua proliferação na letra que infunde e se confunde com os sentidos, e que, pois, os leva ao fluir desvanecendo-se: “a obra desaparece, mas o fato de desaparecer se mantém, aparece como essencial, como o movimento que permite à obra realizar-se entrando no curso da história, realizar-se desaparecendo” (BLANCHOT, 2011, p.318). Em ALP, talvez possamos ver-ler a literatura em sua erosão, em sua disruptura abismada. Interessa-nos, então, ler como “ressurreição” e “letra” podem se encontrar em FW.

Pensamos nas palavras que nos dizem dos movimentos da “ressurreição”: o levantar-se ou o levantamento. Em grego, por exemplo, língua em que os evangelhos foram escritos, uma das palavras para ressurreição é *anástasis* [ανάστασις], substantivo feminino que, literalmente, significa levantamento, levantar, erguer (RUSCONI, 2003, p.46). Movimento: é disso que se trata na “ressurreição”: vindo de algum lugar alhures, de algum ponto que, ainda que não visível no texto, é, nele, vislumbrado, o inacessível dá-se e desvela-se poeticamente.

Anástasis é palavra formada por *aná-*, com significado de “no alto” (MALHADAS *et al.*, 2006, p.55) e *stásis*, que, entre outros sentidos, significa “estabilidade, fixidez” (MALHADAS *et al.*, 2010, p.30). Ao título do livro, *Finnegans Wake*, nos reportamos. Sabemos que faz referência a uma balada irlandesa popular,

com teor cômico. *Wake*, assim, ressalta dois significados já apontados por Dirce Waltrick do Amarante, o de despertar e o de velar um morto; e também os seguintes sentidos verbais são atribuídos à palavra: acordar, realizar uma vigília, animar-se; festa paroquial de dedicação de uma igreja, ressuscitar, reviver, fazer ressoar (VALLANDRO, VALLANDRO, 1976, p.1075). Até aqui, destacamos, então, a dimensão de movimento que, tal qual *anástasis*, está implicada em *Wake*: movimentos entre dois estados, inércia e levantamento, torpor e despertar, elevação e abaixamento – tensão que Hans Urs von Balthasar reconhece nos estratos mais primitivos da narrativa da “ressurreição” (1971, p.279) – e, pois, um modo possível de continuidade e disrupção. Até aqui, há aproximação possível de ser estabelecida entre as duas palavras, *Wake* e “ressurreição”.

Ademais, no *Dicionário ilustrado Verbo inglês-português*, um sentido da palavra inglesa nos convoca: “esteira de navio, sulco; rasto; curso; rumo” (VALLANDRO, VALLANDRO, 1976, p.1075): a esteira do navio e o sulco deixado pelo seu movimento sobre a água. Poderíamos acrescentar aos sentidos já expostos: um sulco, movimento que marca a continuidade – é ainda água –, e que realiza uma disrupção – a água se deixa mover –, sulco que, por fim, segue fluindo, se desvanece.

Sulco é uma das imagens de que Lacan se utiliza para, em “Lituraterra”, aprofundar a noção de “letra”, tratando-a, então, como litoral, rasura, ruptura, escoamento, construção de vazio: “a letra que constitui rasura distingue-se por ser ruptura” (LACAN, 2009, p.114); Mandil afirma que “litoral”, “rasura” e “sulco” são o tripé sobre o qual Lacan assenta sua noção de “letra”, nesse momento de sua reflexão (2003, p.49), vendo-a como litoral entre espaços heterogêneos e que nunca se tocarão, se não, talvez, pelo contorno por ela desenhado (LACAN, 2009, p.109). Tal reflexão surge, para Lacan, quando, sobrevoando, de retorno do Japão, a planície siberiana, ele vê, na superfície branca, os traços do escoamento das águas:

Entre as nuvens, o escoamento das águas, único traço a aparecer, por operar ali ainda mais do que indicando o relevo nessa latitude, naquilo que é chamado de planície siberiana, uma planície realmente desolada, no sentido próprio, de qualquer vegetação, a não ser por reflexos, reflexos desse escoamento (LACAN, 2009, p.113).

Sulcos brancos no branco – tais como os sulcos aquáticos na água –, são a “rasura sozinha, definitiva, é essa a façanha da caligrafia” (p.113). Se tal é a façanha da caligrafia, depreende-se que “a letra lê-se como uma carta. Parece mesmo feita no prolongamento da palavra. Lê-se, e literalmente” (LACAN, 2008, p.32), e ela pode ser lida como um modo de ajuntamento – noção tomada da teoria dos conjuntos (p.53) –, em que escoam os sentidos, pois, é ainda Jacques Lacan que afirma, “o que nos é oferecido a ler pelo que, da linguagem, existe, isto é, o que vem a se tramar como efeito de sua erosão – foi assim que defini a escrita – não pode ser ignorado” (p.74). Erosão, o “O” em que se abisma, e, também, aquilo que, do tecido discursivo das lavadeiras se desprende: dejetos, letras do corpo de ALP, que, litoral, sulco e rasura, se precipitam interminavelmente no texto-rio, e a ele se juntam, sem se perder, como letra que se encaminha para sua foz.

A “letra” é aquilo que, só, faz borda: a letra borda, “e o que borda a letra? A letra borda justamente o furo” (BRANCO, 2000, p.23):

O texto de Lacan faz referência, nesse momento, ao “furo” [*trou*]. Essa figura indica a impossibilidade de passagem de um campo a outro sem descontinuidade. Se cabe à letra a conjugação de dois universos heterogêneos, não se pode desconhecer sua relação com o furo, com o que revela a descontinuidade entre os dois elementos que articula (MANDIL, 2003, p.48).

O “furo”, pois, implica uma descontinuidade, ou, como temos afirmado, numa continuidade disruptiva. Nesse ponto, seria possível estabelecer algum ponto de contato entre a “letra” e “ressurreição”? Avançando nessa questão, consideramos a importância do corpo do ressuscitado, seu corpo textual que os textos tentam escrever. E lemos:

Ao anoitecer daquele dia, o primeiro da semana, os discípulos estavam reunidos, com as portas fechadas por medo dos judeus. Jesus entrou e colocou-se no meio deles. Disse: “A paz esteja convosco”. Dito isso, mostrou-lhes as mãos e o lado [...] Tomé, chamado Gêmeo, que era um dos doze, não estava com eles quando Jesus veio. Os outros discípulos contaram-lhe: “Nós vimos o Senhor!”. Mas Tomé disse: “Se eu não vir as marcas dos pregos em suas mãos, se eu não puser o dedo nas marcas dos pregos, se eu não puser a mão no seu lado, não acreditarei” (BIBLIA SAGRADA TRADUÇÃO DA CNBB. Jo 20, 19-20; 20, 24-25).

O texto ressalta que não é um corpo diáfano, pois pode ser visto e tocado; contudo, tal corpo não respeita as leis da física, pois irrompe através de portas fechadas. A experiência se dá como encontro após o gesto deflagrador de reconhecimento e, ao mesmo tempo, desvanecimento. A implicação entre o corpo anterior e esse, novo, se dá nas marcas dos pregos e da lança, “furos”, cicatrizes.

Tomás de Aquino, na *Quaestio* 54, da *Suma Teológica*, em seu quarto artigo, responderá à questão “se o corpo de Cristo devia ressurgir com cicatrizes?”. No desenvolvimento de sua reflexão, o autor apresenta três objeções feitas à permanência das cicatrizes no corpo do ressuscitado: a primeira diz que as cicatrizes implicam corrupção, a segunda, que elas indicam descontinuidade e a terceira que, sendo sinal da redenção já ocorrida, não haveria necessidade da permanência das cicatrizes. Após essa explicitação, responde aos posicionamentos:

Quanto ao 1º, portanto, deve-se dizer que as cicatrizes que permaneceram no corpo de Cristo não se relacionam com corrupção ou deficiência, mas com acréscimo de glória [...].

Quanto ao 2º, deve-se dizer que, embora a abertura das feridas tenha como consequência a quebra da continuidade do corpo, é tudo recompensado, pela beleza da glória [...].

Quanto ao 3º, deve-se dizer que Cristo quis que as cicatrizes das feridas permanecessem em seu corpo não apenas para confirmar a fé dos discípulos, mas também por outros motivos. Daí se conclui que aquelas cicatrizes ficarão para sempre em seu corpo (AQUINO, 2002, p.771).

No corpo do ressuscitado, as “cicatrizes” marcam a descontinuidade recebendo um suplemento da glória, e são “sulcos”, “traços” que, nesse corpo em desvanecimento, permanecem. E, sendo como as chagas por onde se evade, flui o

sentido (NANCY, 2001, p.79), é possível, a partir do corpo textual ressuscitado, estabelecermos relação entre “letra” e “ressurreição”, escrevendo, provisoriamente, tal relação impossível como “furos” no desvanecer dos movimentos em continuidade disruptiva; e lendo, de través, como um desvanecer entre alteração e ausência (p.48), movimentos como o meio caminho do acontecer (BALTHASAR, 1971, p.317); ou seja, movimento que se dá como uma operação em continuidade disruptiva, na qual o desvelamento do corpo é o seu ocultamento (p.321).

Resta-nos, agora, nos colocar sobre o corpo de ALP: Qual a sua cicatriz? O “O”, cuja aparição, sempre em maiúscula, parece mostrar a letra que borda, e revela, o furo, fonte e foz do corpo-texto ilegível de ALP, corpo líquido de formas desvanecentes. Tal corpo, de “letra” e de “ressurreição”, será lido, de través e em lapsos, em seu desvanecer, pois, parece-nos, tal é a imagem que o revela e oculta, como letras que continuam rupturas.

Assim nos conta o começo de ALP:

O
 Conta-me tudo sobre
 Ana Lúvia! Quero ouvir tudo
 Sobre Ana Lúvia. Bem, conheces Ana Lúvia? Açai, claro (FW 196, 1-4 DS)

Um triângulo que tem o “O” por ápice; um rio-texto que nasce do “O”, nasce da letra que, cicatriz e furo, é um bordar das suas margens sulcadas na página, como lemos na sua carta-letra:

Pela terra e pelas nuvens eu apenas preciso ardentemente de um novíssimo leito, úmido e seria suficiente, e sobre ele abundância! (FW 201, 4-5 DA).

Um novo leito para Ana que nasce do “O”, “O O (Ômega é a última letra do alfabeto grego) desencadeia o fluxo verbal que inicia com o A de Anna [...] O e A, princípio e fim, convergem gráfica e fonicamente” (SCHÜLER, 2004, p.299). Se Ana

é aquela que flui (SCHÜLER, 2004, p.307), como o texto que vai, aos poucos e muito rapidamente, desenhando seu corpo, é ainda ela “que funda e distribui, do alfa ao ômega, o alfabeto de semelhante escrita” (LAERE, 1969, p.138). Uma escrita que dá à letra, ao seu som de furo, “O”, a primazia sobre os significantes (MANDIL, 2003, p.225), evocando a origem, quando a letra era tão-só um traço sobre o barro:

Então não a viste na janela, sembalando em cadeira de vime, com uma partitura à frente em [letras] cuneiformes, pretendendo decifrá-los ao violino tocando o instrumento sem arco? (FW 198, 23-26 DS).

E será justamente a partir da janela, qual “O”, um furo que atravessa interior e exterior, por meio de um instrumento inadequado para o som, um “violino [...] sem arco”, que uma voz fora do texto será marca de sua tessitura: “essa ‘voz’ exteriorizada, secretada pelo texto de Joyce, não é, no entanto, expelida, fazendo-se presente na tessitura das palavras, participando da estabilização do próprio texto” (MANDIL, 2003, p.238).

Tal voz, ou foz, é uma leitura da letra cuneiforme, uma das formas de escrita mais antigas, na qual as letras são traços na argila, e são permanentes traços na argila. Traços que algumas letras ainda guardam no seu corpo, na sua silenciosa memória, no seu gesto de sulcar a superfície fluida da página, como os traços que desenham o M:

Emme [M (DS)] para teu russoscitado jargão hondu [hindu (DS)]! Me diz in franca lingua. E fala claro e abeternamente. Nunca tigre ensinaram ebbraico n’scola, sua analfabecedeta? (FW 198, 18 DA).

São, agora, duas as letras primitivas e últimas, “O”, borda e furo, e “M”, letra ressuscitada do jargão hindu. E se as aproximarmos, teremos, a um só tempo, O-M:

Oom (FW 200, 14 DA).

“Oom”, o jargão hindu. Om, vibração nas cordas vocais, “é o som mais próximo da palavra divina, e a origem de todas as demais”; o som primevo e cósmico do universo, o “OM é o princípio, meio e fim” (BRAGA, 2009, [s/d]) e nele o universo se faz e mantém, também se desvanecendo, pois a letra, só, escreve sua amplificação que não cessa. E, podemos afirmar, se estamos no O-M, o som que sai do furo e se esvai, assistimos a uma “escritura que gravita no universo atômico da letra” (BRANCO, 2011, p.224); sabemos que Joyce “refletiu pessoalmente sobre os textos védicos e tirou partido de seus procedimentos de composição – através de um admirável retorno não às origens, mas à origem” (LAERE, 1969, p.142). Origem que já é o fim, pois, diz-nos o *Bhagavad Gita*:⁴

No início da criação
as sílabas – Om Tat Sat –
usadas para indicar a Realidade Última
eram toadas por brâhmanas [...] (BHAGAVAD GITA, 1998, p.189).

E à literatura parece, justamente, interessar não o momento depois da escrita – aquele quando o livro, o texto, já está ali –, mas o que a precede, qual som anterior às palavras: “a linguagem da literatura é a busca desse momento que a precede” (BLANCHOT, 2011, p.335), uma espécie de som cósmico, mais antigo que os traços cuneiformes. Traços que são um vertiginoso relançar-se à plurissignificação das letras que nascem do “O” no ápice da fonte; lugar, ou não-lugar de onde ALP se derrama, em cabelos, como uma chuva, manifestando seu alcance cósmico que toma todas as direções: atravessa o horizonte como voz, verticalmente se precipita – e é ainda o M quem nos mostra, em sua grafia, sua queda –, como cabelos feitos de chuva:

Primeiro ela precipitou em queda seu cabelo e ele fluiu a seus pés em caracóis ondedados de Teviot (FW 206, 29-30 DS).
Allalivial, allalluvial! Uns, aqui; outros, não mais; outros ainda, perdidos a los extranjeros (FW 213, 32-33 DS).

⁴ Nosso agradecimento a Ana Amélia Neubern Batista dos Reis pela referência ao *Bhagavad Gita*.

“Allalivial, allalluvial”: o suplemento do “O” de Ana Livia, como cabelos se derramando, é reforçado pelas consoantes líquidas, entre línguas diversas, que se proliferam e encharcam página e voz. Como o O-M vibrante, o O-LL, também pequeno traço cuneiforme, faz as línguas conhecerem o oco que faz a boca. Oco que se expande, se esvai, se perde, e volta. Banha a superfície textual, avança margens de sentido, e se esvai, sussurando até que voz vire foz:

O, sussurante (FW 209, 35 DA).

[no] *curso da brisamar sobre a minha foz* (FW 201, 19-20 DA).

Essa foz é como o corpo que se esvaindo é sussurro da voz e do sentido, quando a voz se encontra de tal modo plenificada no encontro com sua face criadora, que não pode não se revelar como “a linguagem mais plena [,] a mais transparente, a mais nula, como se quisesse deixar fugir infinitamente a própria cavidade que ela encerra, uma espécie de pequena cova do vazio” (BLANCHOT, 2011, p.81). Uma voz que se revela muda no corpo de ALP a se perder, e a perder as palavras que ligariam as suas partes plurais. ALP, voz cósmica e cuneiforme, tem sua foz como o ato de se esvair na noite universal da letra, da falta de sentido, pois esse se esvai por seu suplemento, dos dizeres fragmentados e sem eco:

Nouço com as agitadas águas de. As sussurrantes águas de.
(FW 215, 31 DA).

Noite noite! Contaumconto de raiz ou rocha. Junto às ribeirinhas águas de,
as correntesrecorrentes águas de. Noite! (FW 216, 3-5 DA).

Contudo, se Ana Livia se desvanece, ela ainda está aqui, em suas letras cunhadas que giram, e cavam. Não mais O-M, ela agora diz seu corpo como O-W, a letra que não reflete, mas é uma inversão do M que escava seu rosto:

Então onde em Ow ou Ovoca? (FW 203, 14-15 DA).

No suor do seu rosto fizeram sua oca (FW 197, 32 DS).

O oco e a oca cavados no suor e pelo suor do rosto de ALP, aquela que, mulher, flui como corpo que tem um “furo”: “encarnado no corpo de uma mulher, o texto trafega de um pensamento a outro, sem pausa ou qualquer preocupação com um pensamento lógico [...] Bem no meio de uma mulher, um furo, *a hole*, a partir do qual o texto parece emergir” (MANDIL, 2003, p.227). Aqui, se trata desse furo que faz, de todo o texto de ALP, um furo no meio do seu corpo de mulher. E faz dele uma oca, como uma espécie de morada vazia, de cova, em que se vê o rosto de um texto-mulher repleta de furos – “[...] palavras que, pelo seu uso, faíscam, cintilam. Sem dúvida, é fascinante ainda que, na verdade, o sentido, no sentido que comumente lhe damos, aí se perca” (LACAN, 2007, p.161) –, corpo aquático no seu

[...] fluir espumosa sob a ponte de Passacavalo (FW 203, 2 DS).
Flui agora. Uma vez mais (FW 206, 28 DA).

Fluir repleto dos sulcos do “O”, origem e fim amplificados. Também como o meio caminho da forma que não assume fixidez, mesmo em seu rosto, lugar reconhecido como o da identificação – pois aqui, entre “letra” e “ressurreição”, importam as marcas que, para sempre, o corpo carrega:

[...] Ana Livia, cara de ostra, surgiu diante de sua bacia (FW 207, 18 DA).

Seu rosto de ostra, molusco no oco de uma concha, possível de ser ferida. Rosto, cara possível de ser borda, num corpo que é “O”, hiância, cova, descontinuidade, ainda quando água:

Não ouço com o mortelar de morcegos, as liffey-hiantes águas de. (FW 215, 33-34 DS).

Aqui, nos parece, se trata de reconhecer, ainda uma vez, um furo na própria rede discursiva que tenta preencher o impossível de toda falta. Falha no discurso que “[...] não tende para nada menos do que refraturar, encurvar, marcar com uma

curvatura própria, e por uma curvatura que não poderia nem mesmo ser mantida como sendo a das linhas de força, aquilo que produz como tal a falha, a descontinuidade” (LACAN, 2008, p.50). Curva circular, como “O”, que produz um furo.

Assim, ALP é o corpo que se mostra em seu furo. Seu corpo é o “O”, em tantas e todas as faltas e fendas que fazem dele a própria fenda-furo em que se desvanece, pois “a falta o fendeu. A fenda feminina, o O... Por ela flui ele, eles, elas, a vida” (SCHÜLER, 2004, p.304). E essa falta faz fluir o desvanecer da vida de todos e de todas, O+M pelo universo, O+LL pela profundidade da terra; e ela nos diz de uma:

O falta feliz (FW 202, 34). (O feliz engano DA; Ó falta feliz DS).

“O”, feliz em sua falta que nasce do desvanecer, se mostra como aquilo que, sustentando, quiçá estruturando, o corpo-veste-rio de ALP, desenha-lhe, como um círculo vazado, sua cintura, seu furo no meio do corpo, enlaçado e bordado:

Seu casaco civil de cotelê com botões alfabéticos era limitado circularmente por um cinto subterrâneo (FW 208, 20-21 DA)
[...] sua capa Codroy civil com botões Alpheubetados presa por um túnel que lhe circunda a cintura (FW 208, 20-21 DS).

Então, se é o próprio oco vazado o corpo de ALP, podemos vê-lo como o furo para onde o corpo se abisma. Como, a esse respeito, fala Jean-Luc Nancy:

[...] no abismo onde o buraco tudo absorve até aos seus próprios bordos. Nada de surpreendente se os nossos pensamentos, ideias e imagens, em vez de se demorarem sobre a extensão dos bordos, se abismem em buracos: cavernas, bocas uivantes, corações trespassados, *inter feces et urinam*, crânios de órbitas vazias, vaginas que castram não aberturas, mas esvaziamentos, enucleações, afundamentos – e o corpo todo como o seu próprio precipitar no não-lugar (NANCY, 2001, p.74).

Nesse sentido, parece-nos possível ler, de través e em lapsos, o corpo de ALP, o “O”, como uma borda ao redor de um centro também vazado, não possível de recomposição plena; a fluir, continua esse corpo em seu desvanecimento, pondo, na potência dos movimentos disruptivos da letra e da palavra, sua esperança de continuar em desaparecimento.

Considerações finais

O “O”, corpo de ALP, aquém e além do universo e da terra, no texto, faz borda a um inalcançável do sentido, “ponto de letra” para onde se dirigem todas as significações. Também as letras, e as imagens permanecem ao redor, concêntricas, desse inabalável que flui – como podemos ler, em Balthasar, acerca da “linguagem [que] gira ao redor de um centro móvel” (1971, p.316, tradução nossa): a “ressurreição”: “o original do mistério em questão é inalcançável. As imagens nada fazem senão dar voltas ao redor de um centro inalcançável, centro que possui a força magnética capaz de ordenar concentricamente ao seu redor todo esse cortejo de imagens” (BALTHASAR, 1971, p.276, tradução nossa).

Com isso, marcamos que, ao redor do texto de Joyce, tal como também nos colocamos, o ponto final é aquele que, do corpo de ALP, faz permanecer um ressoar da voz em fonte e em foz, da “letra” e da “ressurreição” em seus movimentos de continuidade disruptiva em desvanecimento.

REFERÊNCIAS

AMARANTE. **Para ler *Finnegans Wake* de James Joyce**: seguido de “Anna Livia Plurabelle”. São Paulo: Iluminuras, 2009.

AQUINO, Tomás de. **Suma Teológica**. Trad. Carlos Josaphat de Oliveira (Coord). São Paulo: Loyola, 2002.

AULETE. **Dicionário eletrônico**. Disponível em: <<http://www.aulete.com.br>>. Acesso em 26 jun. 2017.

BALTHASAR, Hans Urs von. El Misterio Pascual. Trad. Guillermo Aparicio. In: FEINER, J.; LÖHRER, M. **Mysterium Salutis**: Manual de Teologia como Historia de la Salvacion. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1971. v. III/2. p.141-335.

BHAGAVAD GITA, A canção do divino mestre. Trad. Rogério Duarte. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

BÍBLIA SAGRADATRADUÇÃO DA CNBB. São Paulo: Loyola, 2002.

BLANCHOT, Maurice. **A parte do fogo**. Trad. Ana Maria Scherer. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

BLANCHOT, Maurice. **O livro por vir**. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BRAGA, Kakao. Símbolos: OM. In: **Revista Decifra-me**, 2009. Disponível em: <<http://revistadeciframe.com/2009/05/21/simbolo-om/>>. Acesso em 11 nov. 2015.

CASTELLO BRANCO, Lucia. **Chão de letras**: as literaturas e a experiência da escrita. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2011.

CASTELLO BRANCO, Lucia. **Os absolutamente sós**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

JOYCE, James. Anna Livia Plurabelle. Trad. Dirce Waltrick do Amarante. In: AMARANTE. **Para ler *Finnegans Wake* de James Joyce**: seguido de “Anna Livia Plurabelle”. São Paulo: Iluminuras, 2009, p.113-153.

JOYCE, James. **Finnegans Wake = Finnicius Revém**. Trad. Donaldo Schüler. Cotia: Ateliê Editorial, 2004.

LACAN, Jacques. Joyce, O Sintoma. In: **O Seminário**: 23, O Sinthoma. Trad. Sérgio Laia. Rio de Janeiro: Zahar, 2007, p.157-165.

LACAN, Jacques. **O Seminário**: 18, De um discurso que não fosse semblante. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

LACAN, Jacques. **O Seminário**: 20, Mais ainda. Trad. M. D. Magno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

LACAN, Jacques. **O Seminário**: 23, O Sinthoma. Trad. Sérgio Laia. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

LAERE, François van. *Finnegans Wake*, textualmente. In: BUTOR, Michel; ECO, Umberto *et al.* **Joyce e o romance moderno**. Trad. T. C. Netto. São Paulo: Documentos, 1969.

MALHADAS, Daisi *et al.* **Dicionário Grego Português**. Cotia: Ateliê Editorial, 2006 (Vol. 1).

MALHADAS, Daisi *et al.* **Dicionário Grego Português**. Cotia: Ateliê Editorial, 2010 (Vol. 5).

MANDIL, Ram. **Os efeitos da letra**: Lacan leitor de Joyce. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2003.

NANCY, Jean-Luc. **Corpus**. Trad. Tomás Maia. Lisboa: Passagens, 2001.

NANCY, Jean-Luc. **Noli me tangere**: Ensayo sobre el levantamiento del cuerpo. Trad. Maria Tabuyo e Agustín López. Madri: Trotta, 2006.

RUSCONI, Carlo. **Dicionário de grego do Novo Testamento**. Trad. Irineu Rabuske. São Paulo: Paulus, 2003.

SCHÜLER, Donaldo. Notas de leitura. In: JOYCE, James. **Finneans Wake = Finnicus Revém**. Trad. Donaldo Schüler. Cotia: Ateliê Editorial, 2004, p.299-308.

VALLANDRO, Leonel; VALLANDRO, Lino. **Dicionário ilustrado Verbo inglês-português**. São Paulo: Verbo, 1976. (Vol. 2).